



Cultura!



O QUE É ARTE?

A estética foi comprometida com os sucessivos movimentos artísticos?

Págs. C4

Mitos fundadores

Por que o Brasil precisa abraçar a cultura pop

Pág. C2

Encontros

Às vezes, é perdendo que a gente acha...

Pág. C2

A história não contada

‘Wicked’, também musical, reinterpreta ‘O Mágico de Oz’

Pág. C3

Risos e lições

Seu Manoel, catador de recicláveis, nunca parava

Pág. C3

Exposição

Por que precisamos passar a usar a Cultura Popular para ensinar as crianças brasileiras a gostarem de estudar

O BRASIL PRECISA ABRAÇAR A CULTURA POP

BRUNO ANSELMIMATANGRANO

Mês passado, tive a oportunidade de visitar no Museu do Louvre, em Paris, a exposição infantil *Mitos Fundadores — De Hércules a Darth Vader*. Uma exposição simplesmente genial! As instalações eram totalmente adaptadas para crianças, com painéis interativos e folhetos com atividades *de fato* interessantes. Ao lado de cada objeto exposto, painéis coloridos traziam textos bastante completos, mas em linguagem acessível e divertida. O catálogo — igualmente pensado para os pequenos leitores — apresentava duas versões: uma com menos textos, mais ilustrada e com informações simplificadas para os menorzinhos, e outra mais elaborada para os leitores grandinhos (que, como eu, certamente ficaram com um baita sorriso em poder comprá-lo e levar para casa).

Mas se, por um lado, tudo fora montado na expectativa de um público mirim, os itens expostos, por outro, eram coisa de gente grande: esculturas antigas de civilizações indígenas, vasos e estátuas gregos, telas modernas a óleo, bonecas artesanais orientais, além de um minidocumentário sobre a saga *Star Wars* e o capacete do líder do lado sombrio da Força. Tudo exposto lado a lado, com o mesmo respeito, com a mesma importância. E o mais legal de tudo isso era ver os francesinhos — com idades

entre 5 e 8 anos — andando livremente pelos corredores da Petite Galerie anotando em seus panfletos, curiosos, as informações que descobriam ao ler, com entusiasmo, as plaquinhas que contavam sagas heroicas, de personagens como Hércules e Circe, culminando na saga de Luke Skywalker. Era tudo tão mágico e as crianças pareciam estar se divertindo tanto que, obviamente, fiquei pensando: por que algo assim não é feito no Brasil?

A resposta logo me veio à mente: o problema é que, infelizmente, muitos professores e outros intelectuais *ainda* têm preconceito com a cultura pop e não veem que com isso cada vez menos crianças brasileiras se interessam por história, leitura, museus, etc. Em suma, cada vez menos as crianças gostam de estudar, tendo sua curiosidade natural sufocada por uma completa falta de empatia ou traquejo, seja dos pais, seja dos educadores, ou mesmo de figuras que, a princípio, podem parecer distantes, como os curadores de museus. Isto porque, enquanto na Inglaterra *Harry Potter* e *Senhor dos Anéis* já são incorporados em muitos currículos e tratados com o respeito e a importância que de fato merecem, em terras tupiniquins ainda se acha que faz algum sentido enfiar Machado de Assis (que é excelente, e divertidíssimo, diga-se de passagem, se apreciado, tal como um bom vinho, em seu tempo certo — o que varia de pessoa para pessoa) goela abaixo de adolescentes de 14 ou 15 anos, cujas referências são totalmente outras...

A educação no Brasil, como tem sido praticada, não funciona, mas insistimos no erro. E então me pergunto, por que não fazer — tal como fizeram os curadores da exposição do Louvre — a ponte entre o novo e o clássico para não apenas lhes despertar o interesse, como também para mostrar que afinal o mundo de antes e o de agora não são assim tão diferentes? Por que não mostrar o percurso de hoje para o ontem para que, com suas próprias pernas, cheguem aos clássicos, na História, na cultura dita erudita? Usar videogames, filmes, séries de TV ou histórias em quadrinhos para ensinar literatura, mitologia, filosofia ou história é mais do que possível. Já é uma realidade em muitos lugares. E o Brasil só perde enquanto não abraça esta nova forma de fazer e ver o mundo...

A chamada cultura pop está aí e já é consumida de toda forma, independentemente do desdém de alguns, por que então não a abraçamos como aliada e paramos de bobagem? Assim, quem sabe um dia, teremos brasileirinhos tão interessados em museus como os francesinhos que vi no Louvre aquele dia, lendo e anotando, com real desejo de aprender.



*
BRUNO ANSELMIMATANGRANO
AUTOR DE ‘CONTOS PARA UMA NOITE FRIA’ (LLYR), É PESQUISADOR, EDITOR, TRADUTOR, ESCRITOR E DOUTORANDO PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

Crônica

DESENCONTROSE ENCONTROS

DAVI PAIVA

Já estou aqui no bar há uma hora observando-a. Ela olha para a TV acompanhando a novela enquanto seus dedos roçam a base da taça com a sua bebida pela metade.

A noite toda eu a estudei pensando em como me aproximar. Ela entrou e foi direto ao balcão pedir a bebida. Tocou no celular duas vezes. Uma para atender uma ligação e outra para responder a uma mensagem. Em ambos os casos seu estado mental não pareceu se alterar. Não olhou para o relógio nem aparenta esperar alguém. Tampouco foi ao banheiro, nem para

retocar a maquiagem (coisa de que ela não precisa).

Pareço um adolescente. O que falo com ela? Como manter o assunto? Essas perguntas parecem mais difíceis agora que a minha namorada terminou comigo depois de três anos. Procurar uma pessoa após tanto tempo parado é complicado.

Quer saber? Já estou cansado de ficar aqui parecendo um vigia. Vou falar com ela da novela, pergunto por que ela está só ou o raio que o parta.

Levanto e vou até ela, quando um cara toma a dianteira e se encosta ao lado dela dizendo:

— Oi. Você vem sempre aqui?

Ela se desmancha em um sorriso e começa a falar com ele. Eu não acredito! Esse foi

o xaveco que Adão usou em Eva, e ela caiu! Vou pisando duro até a porta do bar e abro-a com força, assustando uma mulher que ia entrar. Ficamos olhando um para o outro até ela dizer:

— Oi.

E eu, sem graça, respondo:

— Ahn... é... oi.

E hoje, depois de um uma amizade que culminou em um namoro e passou a ser um noivado com data de casamento marcado antes que o nosso primeiro filho nascesse, vejo que valeu a pena esperar aquela noite toda.

*
DAVI PAIVA É PROFESSOR DE CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR E ESCRITOR.

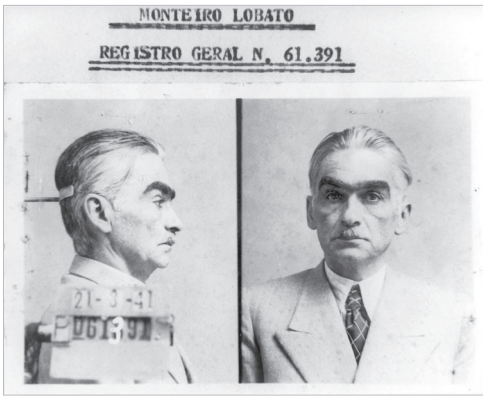


Suplemento

HISTÓRIA

Há 75 anos, Monteiro Lobato era preso pela ditadura Vargas

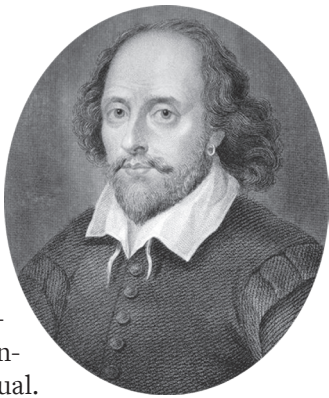
No jornal *O Estado de S. Paulo*, Monteiro Lobato publicou, em 20/12/1917, o seu artigo *A propósito da exposição Malfatti*, também conhecido pelo título *Paranóia ou Mistificação?*, dando início à sua polêmica com os modernistas. Publicou, no mesmo jornal, os artigos *O petróleo no Brasil*, montando o dossiê *O Escân-*



dalo do Petróleo (1936), no qual fazia acusações ao governo Getúlio Vargas, culminando com sua prisão em 1941, pelo Estado Novo, também em função dos ataques que fez ao general Horta Barbosa, primeiro presidente do Conselho Nacional de Petróleo. Foi preso em razão de pedido de passaporte para a Argentina, o que foi interpretado pela polícia de São Paulo como possibilidade de fuga do escritor, pois respondia a processo na época.

HOMENAGEM
Os 400 anos da morte de Shakespeare

Lembrada ao redor do mundo, a data de 23 de abril também será comemorada na Festa Literária Internacional de Paraty (de 29/06 a 03/07). Também o British Council promoverá uma série de atividades artísticas, mostrando que o bardo continua vivo e atual.



Palavra



“Estudei a gramática: do húngaro, do árabe, do sânscrito, do lituano, do polonês, do tupi, do hebraico, do japonês, do checo, do finlandês, do dinamarquês; bisbilhotei um pouco a respeito de outras. Mas tudo mal. E acho que estudar o espírito e o mecanismo de outras línguas ajuda muito à compreensão mais profunda do idioma nacional. Principalmente, porém, estudando-se por divertimento, gosto e distração.”

GUIMARÃES ROSA, EM CARTA A UMA PRIMA. NASCIDO EM CORDISBURGO (MG) EM 1908, O AUTOR DE “SAGARANA”, “GRANDE SERTÃO: VEREDAS” E “TUTAMEIA – TERCEIRAS HISTÓRIAS”, DENTRE OUTROS, MORREU NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 1967.



Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: **O. A. SECATTO**
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Literatura

Livro de Gregory Maguire que deu origem ao musical, ‘Wicked’ reinterpreta os acontecimentos de ‘O Maravilhoso Mágico de Oz’, que é apenas o primeiro de uma série de 14 títulos de L. Frank Baum



‘WICKED’ E ‘OZ’: UMA HISTÓRIA

CAROL CHIOVATTO

N o mês de março a Editora Leya anunciou a publicação do romance *Wicked: A História Não Contada das Bruxas de Oz*, de Gregory Maguire, que, segundo a página do Facebook da editora, chegará às livrarias brasileiras agora em abril.

A obra deu origem ao conhecido musical *Wicked*, da Broadway, que finalmente chegou ao Brasil, no teatro Renault, com superprodução da Time For Fun.

O lançamento de *Wicked* pela Leya coincide com a estreia da temporada do musical, que de algum modo já é conhecido do público, embora talvez nem todo mundo saiba: o sucesso *Defying Gravity*, originalmente gravado por Idina Menzel (que interpretou Elphaba, a Bruxa Má do Oeste, no musical americano) e Kristin Chenoweth (a Glinda), recebeu uma regravação em 2009 pelo elenco da popular série *Glee*, no Brasil distribuída pela Fox, nas vozes de Chris Colfer (Kurt) e de Lea Michele (Rachel).

Wicked, livro e musical, contam a história de eventos que supostamente teriam acontecido antes do livro *O Maravilhoso Mágico de Oz* (1900), de L. Frank Baum, eternizado no cinema pelo filme de 1939, que trazia Judy Garland no papel de Dorothy Gale. *Wicked* deve ser um dos casos de releitura que alcançaram quase tanta notoriedade quanto a obra original, invertendo o maniqueísmo do infantil de Baum ao pretender narrar como a Bruxa Má do Oeste se tornou má, e a natureza de suas relações com Glinda, a Bruxa Boa do Sul, com o Mágico de Oz, o Espantalho, o Homem de Lata e o Leão Covarde.

Boa parte da graça de *Wicked* está na forma como reinterpreta os acontecimentos de *O Mágico de Oz* e lhes dá nova roupagem e nova

profundidade. O livro de Baum é uma obra infantil, na qual a Bruxa Má do Oeste é só mais um dos obstáculos que Dorothy enfrenta em sua jornada para conseguir voltar para casa. E muita gente acredita que o filme de 1939 é fiel ao livro, mas o final (além de vários outros detalhes) é diferente, então, basicamente, Oz possui uma dimensão muito maior do que o filme nos leva a crer. Afinal, os livros de Oz, escritos por L. Frank Baum, são uma série de 14 títulos, dos quais *O Maravilhoso Mágico de Oz* é só o primeiro. Sem contar outros tantos escritos por outros autores depois dele.

Ou seja, *Wicked* fica ainda mais interessante do que já é quando temos a referência de *O Mágico de Oz*, com que dialoga o tempo inteiro. É como se *Wicked* fosse uma resposta a Oz e a cada situação dissesse, nas entrelinhas: “Olha só, na verdade, foi assim que aconteceu.”

No Brasil, há muitas edições do primeiro livro de Oz, mas não de suas sequências. A Editora Biruta publicou em 2013 uma edição do segundo livro, *A Maravilhosa Terra de Oz*. A Editora Vermelho Marinho está publicando a série inteira, intitulada *Mundo de Oz*, pela primeira vez, desde 2014, e prevê que seja lançado, ainda este semestre, o quarto volume, *Dorothy e o Mágico em Oz*. Já foram publicados os três primeiros volumes: *O Maravilhoso Mágico de Oz* (2014), *A Maravilhosa Terra de Oz* (2014) e *Ozma de Oz* (2014), traduzidos por esta que lhes escreve.

Ou seja, 2016 trouxe (e trará) várias oportunidades de conhecer melhor o universo de Oz, tanto pelos livros originais, quanto pela excelente releitura de Gregory Maguire, quanto pelo musical de estrondoso sucesso em vários países.

MAIS INFORMAÇÕES

Sinopse do livro ‘Wicked’

Quando Dorothy triunfou sobre a Bruxa Má do Oeste no clássico infantil de L. Frank Baum, nós só ouvimos seu lado da história. Mas e quanto a sua archi-inimiga, a misteriosa Bruxa? De onde ela veio? Como ela se tornou tão má? E qual é a verdadeira natureza do mal?

Gregory Maguire cria um mundo de fantasia tão rico e vivo que nunca mais conseguiremos olhar para Oz do mesmo jeito. *Wicked* é sobre uma terra em que animais podem falar e lutam para ser tratados como cidadãos de primeira classe, habitantes da terra dos Munchkins buscam o conforto da estabilidade da classe média,

e o Homem de Lata se torna vítima de violência doméstica. E há também a menininha de pele verde chamada Elphaba, que crescerá para se tornar a infame Bruxa Má do Oeste, uma criatura esperta,

irritadiça e mal-entendida, que desafia nossas ideias pré-concebidas acerca da natureza do bem e do mal.

Uma recriação surpreendentemente rica da terra de Oz, este livro reconta a história de Elphaba, a Bruxa Má do Oeste, que não era tão má assim, no fim das contas. Ao levar os leitores para além da estrada de tijolos amarelos, e imergi-los num mundo rico de imaginação e

alegorias, Gregory Maguire pode acabar por mudar a reputação de uma das personagens mais sinistras da literatura.

Sinopse de ‘O Maravilhoso Mágico de Oz’

Dorothy é uma órfã que vive no interior do Kansas com seus tios. Inesperadamente, um ciclone a leva para uma misteriosa e fantástica terra, um lugar mágico e colorido, cercado por um deserto imenso e governado por um mago poderoso. Em seu caminho, Dorothy enfrenta muitos perigos como bruxas malvadas e monstros gigantes, mas conhece também três amigos incríveis que vão ajudá-la nessa jornada — um Espantalho que deseja um cérebro, um Leão que queria ser corajoso e um Homem de Lata que espera ganhar um coração. Os quatro se unem para encontrar o Mágico de Oz, que, segundo dizem, pode realizar todos os seus desejos, e assim Dorothy poderá, finalmente, voltar à casa de seus tios.

Sinopse de ‘A Maravilhosa Terra de Oz’

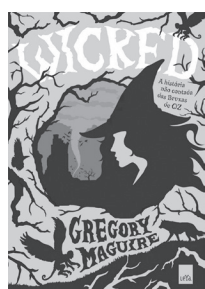
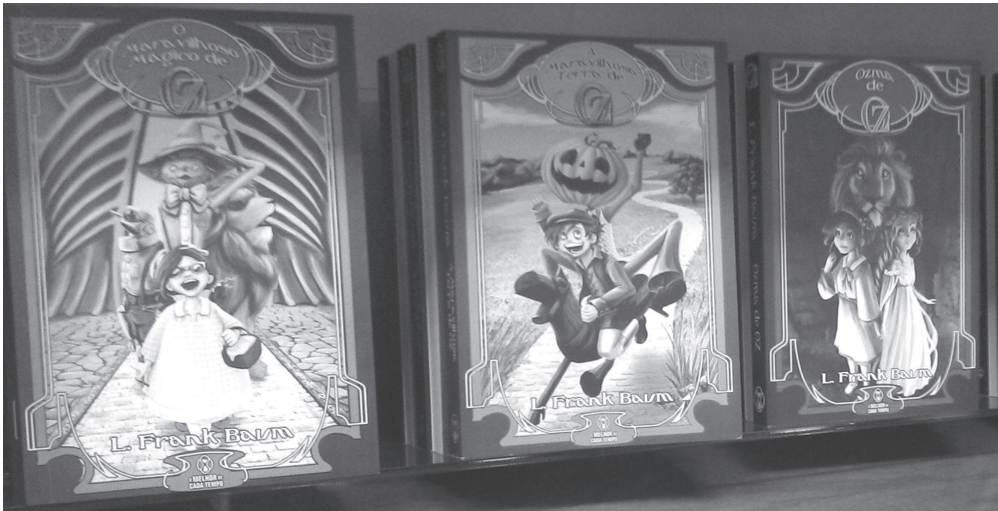
Tip é um órfão que vive no norte de Oz com Mombi, uma bruxa rabugenta. O garoto é muito travesso e um dia resolve assustar a bruxa com Jack, um boneco cuja cabeça é uma abóbora. Percebendo a armadilha, Mombi enfeitiça o boneco, dando-lhe vida, e promete se vingar do menino. Juntos, Tip e Jack fogem e chegam à Cidade das Esmeraldas, onde reina o Espantalho. Encontrando mais problemas, são obrigados a fugir de novo, pois o país está em guerra. Com a ajuda de seus velhos amigos, Homem de Lata e Glinda, e de seus novos companheiros, Zógol Besouro, Cavalete e Gumpo, buscam reestabelecer a paz na Terra de Oz e acabar com os planos da malvada Mombi.

Sinopse de ‘Ozma de Oz’

Algum tempo depois de voltar ao Kansas, Dorothy Gale embarca com seu tio em uma viagem para a Austrália. A menina, porém, não poderia imaginar que uma tempestade em alto-mar acabaria por levá-la à Terra de Ev, um lugar mágico próximo à Terra de Oz. Lá, Dorothy reencontra seus fiéis amigos Espantalho, Homem de Lata e Leão Covarde e conhece Billina, a esperta galinha amarela, Tik-Tok, o homem mecânico, e Ozma, a legítima herdeira do trono de Oz, que trouxe para Ev todo o seu exército. Juntos, os amigos pretendem devolver o Reino de Ev a seu rei de direito, aprisionado anos antes, junto com toda a sua família, pelo maligno Rei dos Nomos.

*

CAROL CHIOVATTO É TRADUTORA E ESCRITORA, MESTRANDA EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS PELA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)



A história não contada. O livro que deu origem ao musical

Crônica

SEU MANOEL

SONIA GUZZI

O barulho da minha rua começa logo cedinho, com o caminhão do construtor que trabalha lá do outro lado... Também tem pássaros, dos quais não sei o nome, mas que se agrupam na grande árvore da esquina e ali brevoam fazendo sons esquisitos, mas tão familiares e reconfortantes como a eterna xícara de café quente de todas as manhãs.

O som do carrinho do Seu Manoel era assim. Com uma roda só, ia cantando nos sulcos do asfalto judiado, enquanto o simpático condutor desfilava seu riso e sua voz, dizendo: “Bom dia, vamos trabalhar!” E para mim bastava, era um sinal de que estava tudo bem e que eu já podia saudar o meu dia, confiando na sua promessa de que ele seria feliz. Tudo junto me abraçava, em reconfortante sentimento de permanência, e então suspirava aliviada e segura.

Um dia ouvi o Seu Manoel dizendo ao moço do correio sua idade: 93 anos. En-

quanto o moço enfezado reclamava do sol e dizia:

— O senhor não considera que está na hora de parar?

Ele alegremente respondia:

— De jeito nenhum, isto só acontecerá quando Ele conseguir me deter — sorria, apontando o céu —, porque eu sou muito teimoso!

Assim Seu Manoel ia recolhendo recicláveis, enchendo seu carrinho e aumentando a melodia chorosa de sua roda, enquanto limpava as casas, levando toda sorte de embalagens vazias.

Ultimamente não tenho mais ouvido sua voz... Nem o som do seu carrinho que tanto embalou meus dias...

Coragem me falta para perguntar sobre

o seu silêncio e, então, eu que gosto muito de rezar, fico pedindo a Deus uma nuvem bem grande e macia, que tenha um perfume suave de eterna amizade, para embalar seu corpo cansado. Peço também uma estrela, a mais bonita, para encantar seus olhos... Se ele puder ouvir meu coração e escutar a sua voz saberá que, para mim, sua vida na rotina de meus dias foi um lindo presente. E que, nesta imensa família humana, ele foi um ponto de luz.

(Extraído do livro *Alma, Luz e Cotidiano*)

*

SONIA GUZZI É ESCRITORA, AUTORA DE ‘PIMENTA, ALECRIM E PALAVRA’, DENTRE OUTROS

Capa

O que faz de alguém um artista: a técnica, a intencionalidade, a estética? Tais parâmetros já foram superados ou a arte sempre dependerá deles?

ARTE. O QUE É ARTE?

Durante a película *Intocáveis*, há uma cena na qual Philippe está numa galeria com seu auxiliar Driss. O tetraplégico observa um quadro, ao lado do diretor da mesma. Comentam acerca da pintura. Para Driss é uma conversa de malucos. Afinal, para ele, aquilo são borrões, rabiscos, tintas derramadas a partir das quais os outros dois discorrem acerca de questões que os olhos “puros” e “ignorantes” deste são incapazes de constatar. Ao final acertam o preço: quarenta mil euros (hoje, em reais, mais de cento e sessenta mil).

Driss indignado, estupefato; resolve pintar também. Munido de pincéis, rolinhos, tela e tintas, produz sua “obra”. Philippe vê o resultado. Leva à galeria. Diz ao diretor que se trata de um artista que está a expor em Londres e, em seguida, apresentará suas telas em Berlim. O pobre homem é assolado por uma dúvida: “Se comprar, posso me arrepender. Se não comprar, me arrependerei ainda mais”. Paga onze mil euros (em reais, quarenta e quatro mil). Detalhe: Driss nunca havia pintado nada.

Ele é um artista? O que faz de alguém ser merecedor dessa alcunha? Afinal, o que é a ARTE?

Recuperar sua história é uma possibilidade de resposta.

Falamos de “Arte na Antiguidade” desde os primórdios da humanidade. Quando se produziam as pinturas rupestres, algumas interpretações afirmam que eram a linguagem para expressar o cotidiano, aquilo que se via pela primeira vez. Que afetava principalmente os sentidos.

Para isso a Grécia nos legou a palavra *aisthesis*, cuja tradução, “estética”, nos remete a “aquilo que sinto”. Que afeta os sentidos. Logo, inferimos que a arte, produzida pela estética, tem a pretensão de aguçar, provocar sentidos, criar signos e significados, razão. Portanto, arte nos faz sentir e pensar?

Voltemos à sua história. Tomemos o Classicismo como ponto de partida, na medida em que agrega os padrões greco-romanos recuperados pela Renascença.

Essa estética tinha como propósito produzir uma linguagem que expressasse tudo aquilo que se pensava e sentia. O mundo medieval ruía; o predomínio dos dogmas católicos, da Escolástica e Patrística estava no eclipse. A razão passava a ocupar o lugar da fé. A Filosofia buscava a redenção frente à Teologia.

Mudanças à vista. Primeiramente percebidas por artistas e filósofos. Por quê? Visão privilegiada.

O Teocentrismo começa dar lugar ao Antropocentrismo. Agora o homem será o cerne das questões e das respostas. Isso não significa negar Deus e a Fé. Ao contrário, enaltecia-os. Era, duplamente, uma rendição a Deus, pois o homem é sua maior criação — diziam os atores da ruptura.

Desde o período medieval, a cisão estava em curso. Havia uma exigência da Igreja na produção pictórica: figuras humanas precisavam ser menores que seus santos, sempre em destaque, com auréolas. Humanos retratados desprovidos de qualquer sensualidade. Retos.

O itálico Giotto di Bondone começa a operar a passagem. Traz em sua obra traços de mudanças. Processo lento, pois a Inquisição rondava por todos os cantos.

No Cinquento, o Classicismo faz nascer o rebento: agora o humano é o destaque. Retratado com toda plenitude. Pintado ou esculpido com todas as fibras, músculos e ossos. Medidas perfeitas. Proporção e perspectiva dão o tom às produções. Tudo. Basta ver Da Vinci, Rafael, El Greco, Tintoretto, Ticiano, dentre outros.

As dúvidas suscitadas pelo cartesianismo e pelo empirismo contribuem com o Barroco. Essa estética escancara o homem cindido: Luz e Trevas, Fé e Razão, Céu e Inferno.



Bosch talvez seja seu maior representante. Também Rembrandt, Rubens, Van Eyck, Jan Vermeer. De modo geral, os holandeses são os maiores nesse contexto.

No “Século das Luzes”, a *Crítica da Razão Pura* de Kant e os filósofos iluministas legaram ao século XVIII outras expectativas. Razão e Experiência dançavam sob a batuta do equilíbrio, da mediação. O homem reencontrou-se. Combinou fé e razão. “Aprendeu separá-las”, harmoniosamente. Música de Mozart para celebrar!

A estética em questão é o Romantismo, cuja maior preocupação é retratar sentimentos de um humano que busca reconciliar-se, consigo, com Deus e com o mundo. É o Classicismo revisitado. Com sentimentos. Delacroix, Turner, Blake e Amoedo — este último brasileiro.

As Revoluções Americana, Francesa e, sobretudo, a Industrial produziram rupturas na mentalidade. Com a estética não foi diferente: o momento é de escancarar os dramas humanos do cotidiano. O Realismo nasce com essa empresa. Courbet e Manet na pintura; Rodin na escultura.

Todavia, o século XIX nos legou grandes rupturas estéticas: o Impressionismo e o Expressionismo. O primeiro foi nomeado jocosamente. Os artistas desse movimento aceitaram a pretensa ofensa como galhofa e adotaram o desígnio. Para o Impressionismo não era mais necessário, nem fazia sentido, retratar a realidade à perfeição do Classicismo. A fotografia recém inventada realizava esse papel. Interessava retratar o “momento que passa”. Congelar o instante. Portanto, não era possível se ater a detalhes. Os rostos, a vegetação, o céu, os acidentes geográficos, tudo em largas pinceladas. Até mesmo cenas do cotidiano ou naturezas mortas, como as pintadas pelo seu precursor Cézanne. Acrescentem-se à lista de artistas dessa estética: Degas, Monet, Renoir, Pissarro, também Van Gogh e Gauguin. No Brasil há Eliseu Visconti e o grande Almeida Junior.

O Expressionismo teve como objetivo retratar as expressões, as feições e aflições. A tela *O Grito* de Edvard Munch talvez seja seu exemplo mais bem acabado. Porém, há o gênio indomável de Van Gogh — aflição — e Paul Gauguin. Somente para permanecer em monumentos.

A avidez do capitalismo, as grandes transformações políticas, econômicas e científicas do mundo decretam a morte da Belle Époque e sua inocência. É o século XX.

O Futurismo como estética nasce com Marinetti na Itália a fim de enaltecer as máquinas e o “progresso”. Todavia, esses também nos legam a Primeira Guerra Mundial em 1914. O conflito bélico de proporções catastróficas gera o temor e a incerteza do medo e do fim próximo. O niilismo paira na Europa. E a Arte?

Para expressar esse descompasso, essa crise, alguns artistas passam a propor o nada. De um dialeto africano, *dada* quer dizer “nada”. Assim, nasce o Dadaísmo. O nada como não fazer.

A produção artística se reduz a *ready mades* de Duchamp e Kurt Schwitters. Juntar produtos industrializados, até pedaços destes, e produzir esculturas, “montanhas de lixo”. Exemplos: a roda de bicicleta, o colete e o urinol de Duchamp. A poesia de Tristan Tzara, sem lógica ou nexos.

Deu-se um bom passo à frente nesse propósito: o Cubismo. Movimento que objetivava reconstruir ontologicamente o humano. É como se o mesmo fosse estilizado (e de certa forma foi) e, aos pedaços, fosse reconstruído num mórbido quebra-cabeça. São figuras geométricas, “manufaturadas” no desespero, na agonia e no êxtase do novo século, no pós-guerra. Picasso é seu maior gênio.

Ainda no início do século XX, a *Interpretação dos Sonhos* de Freud e o inconsciente nos legaram o Surrealismo. A arte do suprarreal, do além do físico, da psique. A ordem agora é produzir na realidade os sonhos. O onírico torna-se realidade. Salva-

dor Dalí é seu ícone na pintura. Todavia, há que se ressaltar Max Ernst e Chagall.

Há ainda a arte abstrata contemporânea, cujos maiores nomes são Miró, Modigliani, Kandinsky.

No Brasil, gênios pós e pré-semana de 1922: Volpi, Anita Malfatti, Tarsila do Amaral, Rebolo, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Aldemir Martins, Arcangelo Iannelli, Aldo Bonadei, Hélio Oiticica...

Na metade do século passado, a última grande Estética: a Pop Art de Roy Lichtenstein e Andy Warhol, por exemplo. A temática: introduzir na produção artística cenas do cotidiano, seus elementos.

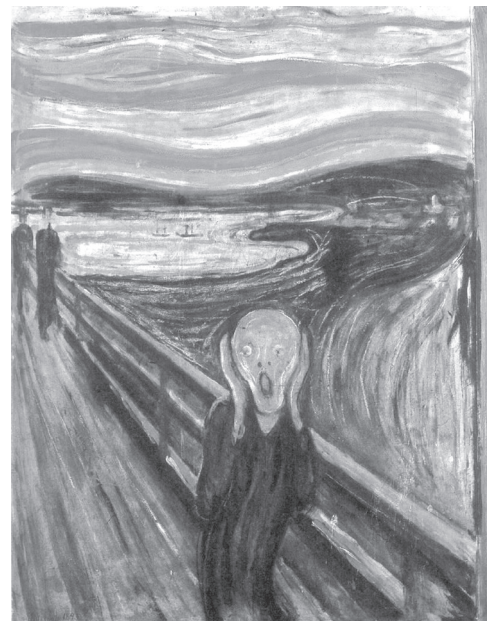
Alguns espasmos na segunda metade do século passado. E depois?

No geral, a arte mergulhou num vazio que não aponta para propósito nenhum.

Estética, no sentido literal do termo, perdeu a conotação. A notoriedade a qualquer preço, os “quinze minutos de fama” propalados por Warhol suprimiram a necessidade de estudo, intencionalidade estética, conhecimento, domínio de técnica, enfim, olhar artístico.

Se nos ativermos a algum dos momentos citados — a todos eles, além desses, ou outros que a memória ou a ignorância possam trazer —, encontraremos olhares, conhecimento, intencionalidade. Haverá *aesthesis*.

Do contrário, estamos fadados a brincar de fazer arte. Como Driss.



Expressionismo. ‘O Grito’, de Edvard Munch

Delacroix. ‘Aliberdade guiando o povo’